

O Sujeito Multiplicador na Zona de Desenvolvimento Proximal

Comunicação

Alex Araujo da Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)
alex.de.araujo@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é parte de uma pesquisa, desenvolvida no âmbito da graduação, que busca compreender e sistematizar um *método de ensino*¹ que utiliza como ferramenta central a elaboração de arranjos didáticos. Este artigo trata especificamente de um dos elementos que estruturam o Método de Arranjo Didático – Sujeito Multiplicador – associado ao conceito desenvolvido por Vygotsky – Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). O objetivo deste trabalho é compartilhar o conceito de Sujeito Multiplicador associado à Zona de Desenvolvimento Proximal, podendo assim contribuir com o avanço do conhecimento e a prática de ensino instrumental e vocal, em contextos de prática em conjunto. A metodologia utilizada para esta pesquisa: no que diz respeito aos seus objetivos, é exploratória, pois busca familiaridade com o objeto pesquisado; quanto aos procedimentos técnicos, é essencialmente bibliográfica, pois analisa materiais já publicados, como livros, revistas, artigos e etc.; quanto à sua abordagem, é qualitativa, pois os dados da pesquisa são traduzidos através de conceitos e esquemas; e quanto a sua finalidade aplicada, pois busca produzir conhecimento que resulte numa aplicação prática. Esta pesquisa, no âmbito da graduação, está em processo de finalização e apresenta como resultado a sistematização de um *método de ensino*.

Palavras chave: Sujeito Multiplicador; Zona de Desenvolvimento Proximal; Método de Arranjo Didático.

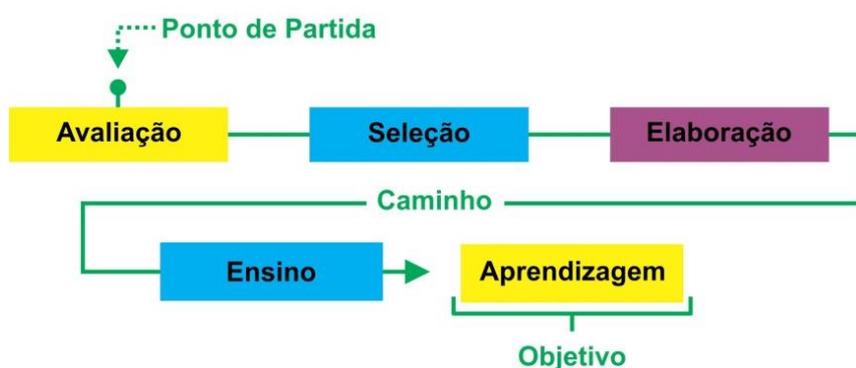
Introdução

Este trabalho está relacionado a uma experiência prática que se deu entre os anos de 2014 e 2015 no âmbito de um projeto social. O grande desafio desta prática constituiu-se em promover a aprendizagem de alunos com instrumentos musicais, níveis técnicos e conhecimentos musicais diferentes. Para se conseguir superar este desafio, pensou-se na elaboração de arranjos por estes possibilitarem a criação de diferentes propostas de ensino que pudessem atuar simultaneamente.

¹ O conceito de método (também associado à palavra ensino e ao sufixo *logia*) é discutido e aprofundado durante a monografia. Basicamente o método é compreendido a partir de seu significado etimológico e sob duas perspectivas: uma relacionada ao material didático (método didático) e outra relacionada às ações do professor (método de ensino). Esta proposta está relacionada ao método de ensino que segundo Libâneo (2006, 152) é “as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico”.

A este modo de ensinar deu-se o nome de Método de Arranjo Didático – um método de ensino que utiliza como principal ferramenta a elaboração de arranjos didáticos. Esta proposta se caracteriza como um método de ensino, pois se desenvolve segundo alguns passos do professor, a saber: avaliação, seleção, elaboração e ensino, objetivando, obviamente, a aprendizagem musical e instrumental dos alunos.

FIGURA 1 – Delineamento do Método de Arranjo Didático



Fonte: do próprio autor

Este caminho começa com a avaliação do aluno e termina com a aprendizagem deste. Entre a avaliação e a aprendizagem existe a seleção dos conteúdos que serão ensinados, a elaboração do arranjo didático, observando alguns conhecimentos motivacionais, e o ensino a partir das demandas dos alunos. Deste modo, os passos do professor, de forma eficiente, dependem da relação que este estabelece com seus alunos, sendo assim, não é recomendável selecionar conteúdos musicais e elaborar o arranjo didático sem haja uma avaliação prévia dos alunos.

Este método é estruturado por quatro elementos que se relacionam entre si, a saber: Sujeito Articulador; Conhecimentos; Ferramenta Multiforme; e Sujeito Multiplicador. Durante este texto trataremos apenas deste último elemento estruturante (Sujeito Multiplicador) e logo em seguida de alguns conceitos desenvolvidos por Vygotsky, que estão relacionados à aprendizagem e ao desenvolvimento. Um destes conceitos é conhecido como *Zona de Desenvolvimento Proximal*.

Sujeito Multiplicador

Nas aulas de instrumentos musicais que acontecem em grupo, o aluno pode ser mais do que um simples aprendente consumidor de conteúdo, além disso, este pode compartilhar, com seus pares, aquilo que aprendeu, tendo como resultado dessa ação o fortalecimento daquele conhecimento aprendido e compartilhado. Mas, obviamente, antes de ensinar é preciso aprender, e por isso, em primeiro lugar é essencial que o aluno assuma as rédeas de seu processo de aprendizado usufruindo ao máximo da relação que estabelece com outras pessoas mais experientes.

Durante as oficinas de prática em conjunto os alunos são beneficiados pelo trabalho do professor que prepara o material, as ferramentas, a aula, e pensa nas estratégias de ensino. No entanto, é importante que o aluno se afaste da condição passiva de beneficiado e desenvolva autonomia, capacidade para manipular os conhecimentos aprendidos. É importante que o aluno aprenda a aprender, a buscar o conhecimento sem necessariamente depender de um terceiro. (SILVA, 2017, p. 45)

O aluno, por ser beneficiado, não é um elemento passivo, ao contrário, é o principal responsável pelo seu próprio aprendizado e deve interagir ativamente nas atividades, com esforço e persistência objetivando sua aprendizagem pessoal. Ainda que existam as melhores ferramentas de ensino, estrutura física apropriada, professores bem capacitados, conhecimentos que estejam sistematizados e bem organizados, se o aluno não assumir-se como responsável por seu desenvolvimento, todos estes recursos e esforços vão por “água abaixo” ou perdem o sentido. “Segundo o enfoque construtivista, o aluno é o protagonista de sua aprendizagem, cabendo-lhe realizar determinados processos cognitivos, que ninguém pode fazer por ele” (SALVADOR *et. al.*, 2000 *apud* BZUNECK, 2004, p. 11).

Além de aprender é interessante que o aluno ensine o que aprendeu, tornando-se deste modo um Sujeito Multiplicador. Este sujeito é um ser solidário que ensina o que aprende não importando o nível de sua aprendizagem. Por exemplo: um aluno que aprendeu a segurar as baquetas de forma adequada para tocar um instrumento de percussão, já tem condições, em termos de conteúdo técnico, de compartilhar este conhecimento com seus pares, apropriando-se deste modo, ainda mais do conhecimento que aprendeu e compartilha. (SILVA, 2017, p. 45)

“Quem sabe, faz. Quem não sabe, ensina”. Esta foi uma frase formulada, equivocadamente, por Bernard Shaw e, obviamente, não condiz com a realidade. Lee Shulman, ao analisar o ensino, percebe que há uma ênfase no *como ensinar* em detrimento do *o que se ensinar*. Com base nessa percepção o autor formula a seguinte frase: “Quem sabe, faz. Quem não sabe, mas domina o repertório pedagógico, ensina”. No entanto, Lee Shulman rejeita esta visão de ensino e formula uma nova sentença: “Quem sabe, faz. Quem compreende ensina”. Deste modo, “o autor põe a tônica na compreensão dos conteúdos, momento prévio da sua reformulação e da sua transformação em produtos de ensino” (NÓVOA, 2002, p. 35-36).

Lee Shulman (1986, p. 14 *apud* NÓVOA, 2002, p. 36) afirma que “o teste definitivo para confirmar a compreensão de um assunto é a capacidade para o ensinar, transformando o conhecimento em ensino”.

Um aluno que se apropria de um determinado conhecimento e consegue intermediá-lo a outro, não é um aluno que apenas recebe o conhecimento passivamente, mas, além disso, desenvolve autonomia, independência e capacidade de manipular os conhecimentos aprendidos e aplicá-los a um contexto, se assim quiser e/ou achar necessário, podendo inclusive propor novos conhecimentos ou estratégias de aprendizagem pessoal. No contexto da aula, estas novas proposições poderiam ser exercícios, composições, arranjos e etc. (SILVA, 2017, p. 45)

A ideia de multiplicar conhecimentos entre os pares, além de contribuir com o desempenho da turma de um modo geral, ainda propicia um ambiente favorável onde os alunos têm condições de desenvolverem uma aprendizagem de qualidade, nos moldes a que Libâneo se refere:

[...] aluno com uma aprendizagem de qualidade é aquele que desenvolve raciocínio próprio, que sabe lidar com os conceitos e faz relação entre um conceito e outro, que sabe aplicar o conhecimento em situações novas e diferentes, seja na sala de aula seja fora da escola, que sabe explicar uma ideia com suas próprias palavras. (LIBÂNEO, 2002, p. 4)

Para aprofundar mais esta ideia, vejamos um conceito que Vygotsky desenvolveu, chamado de *zona de desenvolvimento proximal*, mas antes, para compreender melhor este conceito, é interessante que entendamos como Vygotsky concebe a relação da aprendizagem com o desenvolvimento.

Zona de Desenvolvimento Proximal

Vygotsky (1991, p. 53-54), ao estudar a relação entre aprendizado e desenvolvimento, percebe que “essencialmente, todas as concepções correntes da relação entre desenvolvimento e aprendizado em crianças podem ser reduzidas a três grandes posições teóricas”. Na primeira grande posição teórica, o desenvolvimento se adianta, é um pré-requisito ou pré-condição ao aprendizado, é independente do aprendizado e não resultado dele. Cabe ao aprendizado seguir a trilha do desenvolvimento e utilizá-lo ao invés de modificá-lo. Nesta perspectiva, exclui-se a ideia de que o aprendizado pode contribuir para o desenvolvimento, por exemplo: “se as funções mentais de uma criança (operações intelectuais) não amadureceram a ponto de ela ser capaz de aprender um assunto particular, então nenhuma instrução se mostrará útil”, a não ser que ela esteja de acordo com o desenvolvimento mental da criança, por isso, evita-se “o ensino de um assunto antes que a criança esteja pronta para ele”, antes, busca-se “encontrar a idade na qual um tipo particular de aprendizado se torna possível pela primeira vez”. Basicamente, a segunda grande posição teórica postula que aprendizado e desenvolvimento ocorrem simultaneamente coincidindo em todos os pontos. (VYGOTSKY, 1991, p. 54). Na terceira grande posição teórica o desenvolvimento se baseia em dois processos diferentes que se relacionam entre si: a maturação e o aprendizado. Estes dois processos influenciam-se mutuamente: a maturação, que depende do desenvolvimento do sistema nervoso, prepara e torna possível um determinado aprendizado, e o aprendizado, que é em si mesmo um processo de desenvolvimento, estimula e empurra para frente o processo de maturação (VYGOTSKY, 1991, p. 54-55).

Embora rejeite essas três posições teóricas, Vygotsky (1991, p. 56), a partir da análise destas, desenvolve, segundo ele, “uma visão mais adequada da relação entre aprendizado e desenvolvimento”. Para desenvolver essa “visão mais adequada”, Vygotsky (1991, p. 56) faz uma diferenciação da relação do aprendizado e do desenvolvimento em nível mais geral, entre o aprendizado e o desenvolvimento em ambiente escolar, ou seja, faz diferenciação entre o aprendizado e o desenvolvimento pré-escolar, e o escolar. De acordo com Vygotsky (1991, p. 56), “qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta na escola tem sempre

uma história prévia”. Por exemplo: “[...] as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes elas tiveram alguma experiência com quantidades, elas tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração, e determinação de tamanho”, deste modo, cada criança tem a sua própria aritmética pré-escolar (VYGOTSKY, 1991, p. 56).

Diferente do aprendizado pré-escolar, o aprendizado escolar “está voltado para assimilação de fundamentos do conhecimento científico”. Outros autores reconhecem que “a diferença entre o aprendizado pré-escolar e o escolar está no fato de o primeiro ser um aprendizado não sistematizado e o último um aprendizado sistematizado”, porém, Vygotsky percebe que, além disso, o aprendizado escolar produz algo novo no desenvolvimento da criança, e ao se aprofundar nesta questão desenvolve o conceito de *zona de desenvolvimento proximal* (VYGOTSKY, 1991, p. 56-57).

Um fato empiricamente estabelecido e bem conhecido é que o aprendizado pode ser combinado de alguma maneira com o nível de desenvolvimento da criança. Por exemplo, afirma-se que seria bom que se iniciasse o ensino de leitura, escrita e aritmética numa faixa etária específica. Só recentemente, entretanto, tem-se atentado para o fato de que não podemos limitar-nos meramente à determinação de níveis de desenvolvimento, se o que queremos é descobrir as relações reais entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizado. Temos que determinar pelo menos dois níveis de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 1991, p. 57)

Para descobrir as relações existentes entre o processo de desenvolvimento e a capacidade de aprendizagem, Vygotsky (1991, 57) determinar dois níveis de desenvolvimento. O primeiro é o *nível de desenvolvimento efetivo*² que diz respeito às “funções psicointelectuais da criança que se conseguiu como resultado de um específico processo de desenvolvimento já realizado” (VYGOTSKII, 2010, p. 111). Este nível de desenvolvimento está relacionado àquilo que as crianças podem fazer por si mesmas. E o segundo, é o *nível de desenvolvimento potencial*, que diz respeito ao que “uma criança é capaz de fazer com o auxílio dos adultos” (VYGOTSKII, 2010, p. 112).

Ao se determinar a idade mental de uma criança, por exemplo, quase sempre está se tratando do *nível de desenvolvimento efetivo*. Admite-se como indicativo da capacidade mental

² O *Nível de desenvolvimento efetivo* e o *nível de desenvolvimento real* dizem respeito à mesma ideia e a utilização destes termos (*efetivo* ou *real*) varia a depender bibliografia utilizada. Para este trabalho optou-se por utilizar, preferencialmente, o termo *efetivo* por se entender que este caracteriza melhor a ideia que representa.

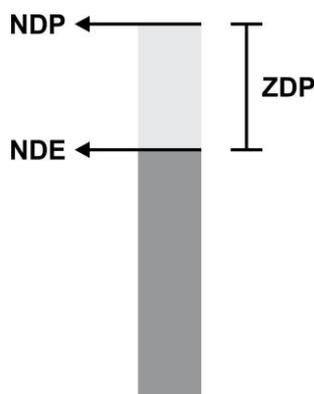
das crianças aquilo que elas conseguem fazer por si mesmas, se por pouco a criança não é capaz de resolver um determinado problema sozinha, precisando da ajuda do professor para resolver a questão, este problema resolvido pela criança com a ajuda do professor não é considerado indicativo de desenvolvimento mental da criança. Não se considerara a ideia de que aquilo que a criança consegue fazer com ajuda dos outros possa ser indicativo de seu desenvolvimento mental. (VYGOTSKY, 1991, p. 57)

Suponhamos que eu pesquise duas crianças assim que elas entrarem para a escola, ambas com dez anos de idade cronológica e (8) anos em termos de desenvolvimento mental. Será que eu poderia dizer que elas têm a mesma idade mental? Naturalmente. Mas, o que isso significa? Isso significa que elas podem lidar, de forma independente, com tarefas até o grau de dificuldade que foi padronizado para o nível de oito anos de idade. Suponhamos que eu lhes mostre várias maneiras de tratar o problema. Diferentes experimentadores poderiam empregar diferentes modos de demonstração em diferentes casos: alguns poderiam realizar uma demonstração inteira e pedir à criança para repeti-la, outros poderiam iniciar a solução e pedir à criança para terminá-la ou, ainda, fornecer pistas. Em resumo, de uma maneira ou de outra, proponho que as crianças solucionem o problema com a minha assistência. Nessas circunstâncias, torna-se evidente que a primeira criança pode lidar com problemas até o nível de 12 anos de idade e a segunda até o nível de 9 anos de idade. E agora, teriam essas crianças a mesma idade mental? (VYGOTSKY, 1991, p. 57-58)

Como já foi dito pelo autor, do ponto de vista da atividade independente ou do *nível de desenvolvimento efetivo*, as crianças apresentam idade mental equivalente, porém, do ponto de vista das aprendizagens que ocorrem com a ajuda de alguém mais experiente ou do ponto de vista de seu *nível de desenvolvimento potencial*, as duas crianças são diferentes. Ao se demonstrar esta diferença entre os níveis de desenvolvimento da criança, tornou-se evidente que aquelas crianças não tinham a mesma idade mental e que o curso de seu aprendizado seria, obviamente, diferente (VYGOTSKY, 1991, p. 58). Sendo assim, o estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem levados em consideração o seu *nível de desenvolvimento efetivo* e o seu *nível de desenvolvimento potencial* (VYGOTSKII, 2010, p. 113). Essa diferença entre oito e doze, e oito e nove anos de desenvolvimento mental é o que Vygotsky (1991, p. 58) chama de *zona de desenvolvimento proximal*, em outras palavras, é a distância entre o *nível de desenvolvimento efetivo*, determinado pela resolução independente de problemas, e o *nível de desenvolvimento*

potencial, determinado pela resolução de problemas com a ajuda de outra pessoa mais experiente (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

FIGURA 2: *Nível de Desenvolvimento Efetivo (NDE) – Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP) – Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP)*



Fonte: do próprio autor

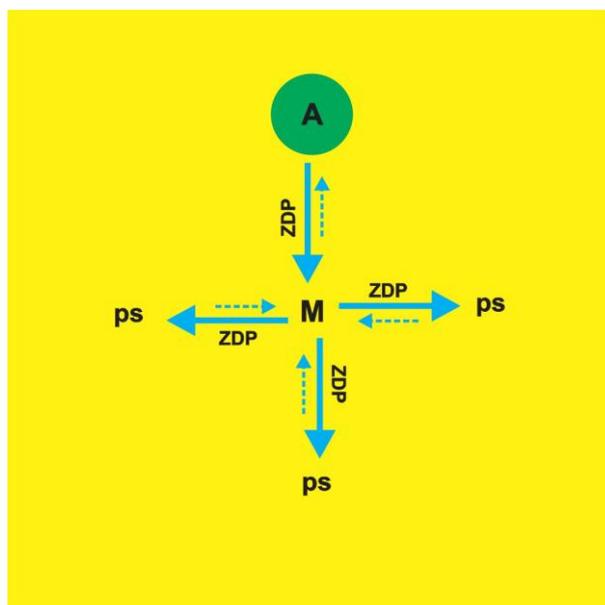
O *nível de desenvolvimento efetivo* está relacionado a funções que já amadureceram, por exemplo: se uma criança pode fazer tal coisa, de forma independente, significa que as funções para tal coisa estão amadurecidas. Já o *nível de desenvolvimento potencial* está relacionado a funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. A *zona de desenvolvimento proximal*, por sua vez, nos permite identificar o futuro próximo do aluno, propiciando o acesso não somente ao que já foi atingido através do desenvolvimento, como também àquilo que está em processo de maturação (VYGOTSKY, 1991, p. 58), [...] “podemos medir não só o processo de desenvolvimento até o presente momento e os processos de maturação que já se produziram, mas também os processos que estão ainda ocorrendo, que só agora estão amadurecendo e desenvolvendo-se” (VIGOTSKII, 2010, p. 112). “Nessa zona, e em colaboração com o adulto, a criança poderá facilmente adquirir o que não seria capaz de fazer se fosse deixada a si mesma” (IVIC, 2010, p. 32-33).

O que é *nível de desenvolvimento potencial* hoje será *nível de desenvolvimento efetivo* amanhã, ou seja, “aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã” (VYGOTSKY, 1991, p. 58).

Relação entre Sujeito Multiplicador e Zona de Desenvolvimento Proximal

Para que possamos estabelecer esta relação, cabe fazermos a seguinte pergunta: O que a *zona de desenvolvimento proximal* tem haver com o *sujeito multiplicador*? Diante deste questionamento a resposta mais imediata poderia ser: Tudo! Porém, vamos tentar estabelecer esta relação de maneira mais objetiva. A princípio, podemos dizer que o *sujeito multiplicador* como um aluno mais experiente, irá atuar justamente na *zona de desenvolvimento proximal*, contribuindo, assim, para o desenvolvimento musical e instrumental de seus pares.

FIGURA 3: Multiplicação dos Conhecimentos Musicais



Fonte: do próprio autor

Neste esquema, as setas maiores representam a atuação do *sujeito articulador*³ (A) e do *sujeito multiplicador* (M) sobre a *zona de desenvolvimento proximal* de seus alunos e seus pares (ps), respectivamente. As setas menores indicam as trocas que ocorrem neste processo, podendo, por alguns instantes, os papéis se inverterm.

³ O *sujeito articulador* é um dos elementos que estruturam o Método de Arranjo Didático e diz respeito ao professor que, para ensinar, articula conhecimentos provenientes da avaliação de seus alunos, conhecimentos musicais e conhecimentos motivacionais, os transformando numa ferramenta multiforme que se constitui como recurso essencial para promover diferentes ensinamentos e diferentes aprendizagens de conhecimentos e habilidades musicais.

Como se pode observar, neste esquema (figura 3), o *sujeito articulador* atua na *zona de desenvolvimento proximal*, sobre aqueles conhecimentos que estão no âmbito do *nível de desenvolvimento potencial* do *sujeito multiplicador*, podendo também, por alguns momentos, acontecer o inverso, onde o aluno contribui para o desenvolvimento musical e instrumental do professor.

Imaginemos, pois, que um professor ensina para seus alunos, um determinado conteúdo, porém alguns alunos aprendem com mais facilidade e outros não, isso é natural, pois, como vimos em Vygotsky, cada aluno tem os seus *níveis de desenvolvimento efetivo e potencial*. Este aluno, que aprendeu mais rápido, pode ser colocado para ajudar o seu colega que está tendo dificuldade, atuando naquele conhecimento ou habilidade que ainda está em processo de amadurecimento. Vejamos dois exemplos: (1) numa turma os alunos sabem tocar mais ou menos as mesmas notas e apresentam um nível similar de desenvolvimento musical e instrumental, porém ao se depararem com determinado trecho musical ou exercício técnico proposto pelo professor por meio do arranjo didático, alguns destes alunos conseguem desenvolver a atividade e outros ficam no meio do caminho. Estes alunos que conseguiram desenvolver a atividade podem auxiliar seus colegas compartilhando sua estratégia pessoal de aprendizagem (seus macetes) ao mesmo tempo em que atuam naquela habilidade que ainda não amadureceu em seu colega. Neste caso, as notas que os alunos sabem tocar estão no *nível de desenvolvimento efetivo* enquanto que o trecho musical, que alguns alunos não conseguiram tocar de forma adequada, está no *nível de desenvolvimento potencial*. Estes alunos, ao superar essa dificuldade se desenvolvem e aquilo que estava no *nível de desenvolvimento potencia* passa a pertencer ao *nível de desenvolvimento efetivo* destes alunos; (2) as aulas de instrumentos musicais já estão acontecendo há alguns meses, porém um novo aluno entra na turma tendo que passar quase que pelo mesmo processo de aprendizagem que os outros alunos que estão desde o início das aulas já passaram. Neste caso, os alunos que estão participando das aulas desde o início, apropriando-se de conhecimentos e habilidades propostas durante as aulas por meio dos arranjos didáticos, podem multiplicar estes conhecimentos e habilidades (segurar corretamente o instrumento, postura e relaxamento corporal, primeiras notas ou acordes no instrumento e etc.) de acordo com as demandas de aprendizagem do novo aluno.

Considerações Finais

É importante que os *sujeitos* mais experientes atuem, de preferência, na *zona de desenvolvimento proximal* do aluno, trabalhando em cima de sua dificuldade ou daquilo que ele pode aprender se for ajudado, contribuindo com seu desenvolvimento de modo a não reforçar apenas aqueles conhecimentos e habilidades já adquiridas.

No Método de Arranjo Didático, o aluno é compreendido como alguém que mais do que aprende, ensina. Este aluno, ao ensinar gera benefícios pessoais e coletivos, ou seja, benefício próprio, benefício para o outro, e benefício para o coletivo. Deste modo, estes benefícios estão relacionados a todos os agentes envolvidos de forma direta no processo de ensino-aprendizagem, a saber: professor e alunos.

O *sujeito multiplicador* ao entrar em ação na *zona de desenvolvimento proximal* de seus pares:

- Reforça aqueles conhecimentos já amadurecidos nele (que ensina), criando uma superestrutura em seu *nível de desenvolvimento efetivo*;
- Contribui para que seu colega ou seus pares amadureçam aqueles conhecimentos e habilidades em processo de desenvolvimento proporcionando que o que esteja no *nível de desenvolvimento potencial* passe para o *nível de desenvolvimento efetivo*;
- Contribui para o avanço da turma de um modo geral, atenuando os desníveis ou a heterogeneidade técnica e musical entre os alunos da classe.

O *sujeito multiplicador* é o aluno que já domina determinadas habilidades e conhecimentos e os compartilha com seus pares atuando na *zona de desenvolvimento proximal* destes.

Chamar a atenção para os benefícios do compartilhamento de conteúdos e habilidades entre pares, e para como Vygotsky compreende a relação do desenvolvimento com a aprendizagem, parece ser pertinente, útil e proveitoso para área de educação musical. Espera-se que este trabalho, ao relacionar conceitos (*Sujeito Multiplicador* e *Zona de Desenvolvimento Proximal*), possa contribuir com o avanço do conhecimento na área do ensino de instrumentos musicais em contextos de prática em conjunto e se reflita na prática consciente de professores que atuam neste contexto.

Referências

BZUNECK, Aloyseo. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BURUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, Aloyseo. (Org). **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. p. 9-35.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Eletrônico versão 5.12**. Editora Positivo Ltda, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. O essencial da didática e o trabalho do professor. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: Velhos e novos temas**. Edição do autor, 2002, p. 4-7.

_____. Os métodos de ensino. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 2006, p. 150-153.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

SILVA, Alex Araujo. Uma proposta de ensino-aprendizagem de instrumentos musicais no contexto da prática em conjunto. In: 7º Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical. 2016. Sobral. **Anais...** Sobral: UFC, 2017. p. 38-47.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 4ª edição brasileira. São Paulo - SP Livraria Martins Fontes Editora Ltda. 1991, p. 53-61. Coordenação da tradução: Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos - Departamento de Ciências Biomédias USP. Revisão da tradução: Monica Stahel M. da Silva.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem (1988). In: IVIC, Ivan; Edgar Pereira Coelho (org.). **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora: Massangana, 2010. p. 89-101. Coleção Educadores. Tradução de José Eustáquio Romão.

VIGOTSKII, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; Leontiev Alex N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 11ª edição – São Paulo: ícone, 2010. p. 103-118. Coleção Educação Crítica. Tradução de Maria da Pena Villalobos.